FILTRO VERMELHO

Frente à atual ampliação da participação efetiva do gênero feminino em diversas áreas do conhecimento, tomamos a iniciativa de reunir nove mulheres cujos trabalhos demonstram o aprofundamento das suas experiências no campo das artes visuais. São nove artistas, a maioria de Niterói, já com um considerável caminho percorrido no sistema brasileiro de arte contemporânea e que atuam em diversos meios de expressão.

Se atentarmos bem para o ambiente visual que nos envolve e usarmos um filtro vermelho cobrindo os olhos, os tons azuis e amarelos serão detidos nesta lente, deixando banhar nossas retinas somente as variações do vermelho. Deste modo, veremos que a paisagem a nossa volta anda bastante mudada. Acreditamos que estas transformações, que hoje percebemos, devem uma grande parcela de responsabilidade ao significativo aumento da participação da mulher nas diversas áreas da atividade humana.

Esta exposição coletiva, que se organiza com a participação de artistas exclusivamente do chamado sexo frágil, busca, a princípio, abordar esta antiga e diferente forma de potência que interpreta à sua maneira o mundo; atualmente, podemos sentir efetivamente a sua maior participação na reordenação sensível do nosso universo de imagens, seja ele de natureza prática ou estética.

Nas artes plásticas esta mudança, este aumento do contingente de artistas deste gênero, tem contribuído para um arredondamento de pontas e uma suavização de arestas. A ampliação da participação desta visão específica tem ajudado a tornar ponderável toda uma produção visual que até bem pouco tempo atrás era área quase exclusiva do masculino. É conveniente lembrar que no movimento minimalista, década de sessenta, só Eva Hesse era mulher em um conjunto predominantemente masculino.

O que veremos a seguir é um vôo panorâmico sobre a diversidade imaginativa de nove mulheres. Tal divagação nos permite vislumbrar um mundo renovado pela emoção e pelo sentimento de afetividade, revisitado e reconstruído por um filtro vermelho.

Se atentarmos bem para as pequenas esculturas de Anete Fernandes, espaços conquistados a partir da ordenação imbricada de fios de aço, levantaremos pulsações de uma noção de virtude. Penélope trama seu bordado para afastar os pretendentes na ausência do seu amado. Nesta dura disciplina da mente e da mão, Anete propõe imagens quase gráficas de espaços: ovóides, amebóides e formas que suscitam nergúmeros e falos, narram uma história de leveza e conquista, de origem e do eterno.

As imagens fotográficas de Maria Cherman transportam para o ambiente da galeria a representação de ensaios esculturais, que em um futuro ainda indefinido tomarão uma grande escala. Seria como se seu trabalho estivesse ensaiando algo ainda por existir, ainda pulsando na forma de projeto. É a própria arte tramando o fenômeno da vida. A estranheza fica por conta da afetividade contida na madeira, frente à concretude das formas.

Nas configurações visuais de Eda Miranda é patente a presença do mito de Afrodite. Tudo gira em torno da idéia de fertilidade e dos jogos relativos ao acasalamento como fim. Estratégias e meios que tornam a vida possível e contínua. Um véu de noiva conspurcado pelas sementes de cajá denuncia a ausência de inocência, ou a presença da pureza de intenções que residem na ainda existente animalidade do humano.

Graziella Andreani contribui com sua ênfase na suavidade dos anjos para estabelecer um mundo mais suportável. Suas formas de luz traduzem a imaterialidade da imagem, reduzindo a nossa percepção a rebatimentos irradiados de campos de cor, posteriores à frontalidade de um quadro. Transforma a escuridão das fendas em auréolas curvas, usa suas formas e cores para dizer-nos que o amor ainda existe.

Ana Rutter, ao dobrar e amarrar insistentemente e repetidamente um tecido, cor rosa salmão, termina também nos falando de virtude, porém sua obra não se reduz a uma única leitura. O resultado de todo este labor finaliza compondo uma imagem curvilínea e horizontalizada, lançantes e vales que nos remetem às paisagens internas do corpo, ou melhor, o corpo como suporte de uma amplitude paisagística, que se disponibiliza ao homem pelas incursões sexuais ou endoscópicas.

Kátia Jacobson nos apresenta obras referenciadas pela cultura. Sua sistemática revisitação à grade estrutural e variações cromáticas de Piet Mondrian demonstra a presença de uma rigorosa disciplina. A ampliação da experiência histórica em seu trabalho se dá na soma ou acréscimo adquirido na repetição do processo. Suas imagens nos fazem acreditar que o projeto iluminista para a humanidade ainda pode gerar frutos. O sonho não acabou.

Vera Bueno faz uso de uma variação inusitada de espelhos para compor espaços internos que se ampliam e multiplicam ao infinito pequenos signos do feminino. Carambolas e bolas de gude, que contêm em si outras figuras similares, são subterfúgios, por via da apropriação de formas já existentes, para a abordagem subjetiva sobre a idéia de ruptura de um grande tabu, a vulva aberta para o mundo. De uma forma subjetiva, Vera expõe infinitas simulações de órgãos genitais femininos.

Sylvia Goyanna faz uso de um sistema formal de oposição dialética que gira em torno do universo da cerâmica. Uma forma de vaso que não é vaso tem sua boca coberta para negar, assim, a função utilitária do objeto. Sua obra termina por nos remeter à idéia de que o campo da cerâmica, como meio expressivo, transcende à restrição cultural. Sylvia faz deste meio delimitado e estanque seu objeto de expansão poética da experiência com o fogo e o barro.

Rosita Rocha desenvolve em sua pesquisa plástica a construção de configurações tridimensionais que permitem ao fruidor a experiência com a complementação virtual de realidades espaciais. No trabalho desta exposição, é perceptível a ocorrência de uma idéia apriorística que antecedeu a concepção física da obra. Neste sentido ela se inclui no contexto da arte conceitual.

João Wesley/março 2003